

A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO-ESCRAVO NA OBRA “CASA GRANDE & SENZALA”, DE GILBERTO FREYRE, DELIMITADA PELO OLHAR DA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO

Fernanda Pinheiro de Souza-e-Silva (UNICAP)
fernandapssletras@hotmail.com

RESUMO

Segundo Fairclough (1992, p. 92, tradução minha), a naturalização é a estrada para o senso-comum, e o senso-comum é o acesso ao poder e ao controle. De acordo com o referido autor, o que vem a ser senso-comum é, então, em larga medida, determinada por quem exerce o poder e a dominação na sociedade. Esta pesquisa, ainda em desenvolvimento no Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem (PPG-CL), da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), propõe analisar os movimentos discursivos e ideológicos de Gilberto Freyre no livro *Casa-Grande & Senzala* relacionados à democracia racial que o mesmo defende. A análise é constituída pela escolha de tópicos discursivos uma vez que incorporam as informações mais importantes de um discurso e explicam toda a coerência do texto (Van Dijk, 1980). Sobre a importância desses tópicos, Medeiros (2013) afirma que eles definem orientações dos falantes (autor) e leitores (ouvintes) e traz discussões e ações futuras significativas, fornecendo uma ideia geral do assunto de que o corpus trata. Assim, os tópicos discursivos e cognitivos escolhidos e ativados por Freyre e por mim que perspassam o livro *Casa-Grande & Senzala* são: arquitetura, religião de seus moradores, vida íntima, culinária, características do português e do negro (escravo). Cada tópico será estudado a partir de dois participantes antagônicos do livro que representam a divisão ideológica do mesmo, são eles: os negros e seus descendentes e os brancos portugueses e seus descendentes. O instrumental teórico adotado para análise das naturalizações discursivas de Freyre é a *Análise Crítica do Discurso* por acreditar que ela tem a missão de tornar os aspectos obscuros do discurso mais visíveis, a fim de esclarecer de que maneira a linguagem funciona em suas diversas formas de realização na constituição e na transmissão do conhecimento, na organização das instituições sociais, e no exercício do poder e da dominação.

Palavras-chave:

Naturalizações. Gilberto Freyre. Análise Crítica do discurso.

1. Introdução

Este artigo é um recorte da tese ainda em desenvolvimento pela autora no Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco, esse estudo tem como problema a verificação de um olhar naturalizador, arraigado no discurso de Gilberto Freyre, relacionado ao negro-escravo. Pretende-se, então, analisar a voz de Freyre na obra *“Casa Grande & Senzala”*, observando seus movimentos discursivos e ideológicos sobre a representação do negro na época do

regime escravocrata. Esses movimentos serão vistos por meio da identificação de tópicos discursivos uma vez que incorporam as informações mais importantes de um discurso e explicam toda a coerência do texto (Van Dijk, 1980). Esses tópicos escolhidos e ativados por Freyre e por mim que perpassam o livro “Casa-Grande & Senzala” são: arquitetura, religião de seus moradores, vida íntima, culinária, características do português e do negro (escravo). Cada tópico será estudado a partir de dois participantes antagônicos do livro que representam a divisão ideológica do mesmo, são eles: os negros e seus descendentes e os brancos portugueses e seus descendentes. O instrumental teórico adotado para análise das naturalizações discursivas de Freyre é a Análise Crítica do Discurso por acreditar que ela tem a missão de tornar os aspectos obscuros do discurso mais visíveis, a fim de esclarecer de que maneira a linguagem funciona em suas diversas formas de realização na constituição e na transmissão do conhecimento, na organização das instituições sociais, e no exercício do poder e da dominação.

A relevância da pesquisa está no rompimento dado pela pesquisadora de uma possível leitura reprodutiva que perpassa a omissão da luta escravocrata por direitos básicos como a simples existência, e no desvelamento de outras perspectivas de leitura da obra Casa-Grande numa tentativa de desnaturalizar palavras, expressões, discursos que não estão e nunca estiveram comprometidos com os outros povos, negros, que também formaram a identidade do povo brasileiro, ou seja, o foco de análise será a desnaturalização do mito da democracia racial. O olhar de Freyre (2006) em alguns momentos distancia-se do olhar do povo brasileiro e aproxima-se do português, como no excerto abaixo:

Considerando o elemento colonizador português em massa, não em exceções como Duarte Coelho- pode-se dizer que seu ruralismo no Brasil não foi espontâneo, mas de adoção, de circunstâncias (...) Terra e homem estavam em estado bruto. Suas condições de cultura não permitiam aos portugueses vantajoso intercuro comercial que reforçasse ou prolongasse o mantido por eles com o Oriente. Nem reis de Cananor nem sobas de Sofala encontraram os descobridores do Brasil com quem tratar ou negociar. Apenas morubixabas. Bugres. Gente quase nua e à toa, dormindo em rede ou no chão. Animal doméstico não possuíam nenhum, agricultura, umas ralas plantações de mandioca. (FREYRE, 2006, p. 86)

Freyre, nesse trecho, afirma que as circunstâncias do Brasil levaram o português a adotarem o ruralismo e conseqüentemente a escravidão no país. Não havia aqui uma agricultura de relevo, segundo o autor, nem mesmo os índios para ele estavam aptos para negociar nada “estavam nus e à toa”. Então, o extermínio de negros e de índios foi meramen-

te circunstancial? Esta pesquisa busca investigar a obra referida sob outro ponto de vista, mais crítico, tentando aproximar-se do discurso freyreano e identificar nele certa reprodução ideológica dominante ou mesmo até refutação dessa forma de pensar e agir.

2. *A dissimulação do preconceito no Brasil como herança do mito da democracia racial*

O Brasil adota, segundo Oliveira (2006), o racismo mais eficaz do mundo: o que não tem padrão nem é evidente. Ele é sofrido e praticado todos os dias, mas não pode ser mensurado porque é mascarado. Esse racismo minimizado dá a ideia de convivência pacífica. Entretanto, a paz aparente desaparece quando as relações implicam algum tipo de concorrência: econômica, social, educacional. Este aspecto opressor das relações raciais em que vivia (e ainda vive) o Brasil foi, de certa forma, ocultado ou mesmo minimizado pelo discurso conservador da democracia racial sistematizado por Gilberto Freyre e realçado por pensadores como Caio Prado Júnior e Sérgio Buarque de Holanda em suas obras mais clássicas, sendo ainda nos nossos dias, um discurso muito forte que camufla a realidade de preconceito sofrida pela população negra. Devido a isso, aqui no Brasil se desenvolveu uma espécie de “preconceito racial dissimulado e assistemático” (FERNANDES, 2007, p. 61), um “racismo anti-racista”. A reflexão que é colocada em evidência vem dessa inquietação, da plena consciência da existência de um racismo velado, mais que isso, herdado, constitutivo até da cultura brasileira. Por mais que ao negro fosse dada a condição jurídica de livre, não foi permitida a ele a igualdade econômica, política e social, ou seja, a verdadeira democracia nos dizeres de Florestan Fernandes (2007). E trazer um pouco, pela pesquisa, da origem das relações sociais do Brasil, pode ajudar a compreender as origens das injustiças raciais atuais e, por conseguinte, enxergando a origem do problema, poder transformar o rumo que ele segue.

3. *Análise Crítica do Discurso como contribuição para desmistificação de obras literárias, a “Casa-Grande & Senzala” pela ACD*

Intenta-se questionar e até mesmo desmistificar essa obra de cunho quase que inabalável pela perspectiva da Análise Crítica do Discurso por acreditar que é dever do pesquisador, identificado com a teoria citada, trazer à tona ideias, informações novas que ajudem a sociedade no

processo de (des)naturalização de problemas sociais que atingem em cheio o mundo. E a questão do reconhecimento do valor do negro deveria ser bandeira a ser levantada por todos os brasileiros que de uma forma ou de outra tem “o pé na senzala”, ou seja, são afro-descendentes. A Análise Crítica do Discurso é o instrumental teórico e metodológico que é utilizado, sua escolha está diretamente ligada às questões de poder e hegemonia que estão imbricadas no discurso freyreano a ser analisado. Essa corrente está debruçada sobre temas relacionados ao poder, a desigualdade social, e mesmo ao racismo. Gilberto Freyre ao trazer no livro a casa grande como berço da nação brasileira oportuniza também discussões sobre essa mesma casa como sendo imbuste da democracia racial brasileira. A ACD traz um olhar sobre o objeto em três dimensões: a textual, a discursiva e a da prática social. Essas dimensões são oriundas da proposta do modelo tridimensional de análise discursiva de Fairclough (1992) que foi baseado nas macrofunções de Halliday (1985): ideacional, interpessoal e textual. A partir de então, Fairclough (2003) em “Analysing Discourse” sugere no lugar das funções da linguagem, três principais tipos de significado: o significado acional (observando o discurso como forma de interação), o significado representacional (como forma de representação do mundo) e o significado identificacional (como forma de identificação dos atores discursivos). Contudo, no artigo será observado e analisado o significado representacional do léxico, compreendendo, contudo, sua correlação com os demais significados.

a) O Léxico

A escolha da categoria do léxico está atrelada à ideia de que não é por acaso que se faz preferência por um dado grupo de palavras e seus respectivos significados em detrimento de outros. Consoante com Fairclough (2001), a relação dos significados com as palavras envolve tanto os vários significados que uma palavra pode apresentar, quanto o inverso que seria as várias palavras que remetem a um só significado. Isso nos deixa diante de constantes escolhas sobre os usos que fazemos das palavras. O autor, sobre isso, ainda diz que as escolhas e decisões não são de natureza puramente individual, ou seja, os significados das palavras e a lexicalização de significados são questões que são variáveis sociais e socialmente contestadas. Como o mesmo autor defende, essas escolhas lexicais são facetas de processos sociais e culturais mais amplos. Pode-se apreender, com isso, que a relação entre palavra e significado nem sempre é uma questão de dicionarização, uma vez que os significados atribuí-

idos às palavras vão depender do contexto em que elas são usadas e de todo o processo sócio-histórico e ideológico que está por trás de cada escolha lexical. Segundo Marcuschi (2008), as palavras não espelham o mundo tal como ele é, de fato, elas são instáveis e passíveis de construção de novos sentidos a cada vez que são ativadas. Os nomes estão a serviço do querer-dizer do sujeito, a serviço dos objetivos comunicativos e ideológicos dele. Mais especificamente em relação à ACD, o foco de análise recai sobre o modo como os sentidos das palavras entram em disputa dentro de lutas mais amplas. Fairclough (2001) sugere que as estruturas particulares das relações entre os sentidos de uma palavra são formas de hegemonia.

b) Concepções de discurso, poder e ideologia

Uma das maiores contribuições do trabalho de Foucault para as teorizações da ACD foi não somente evidenciar a existência do discurso como um lugar, mas sim estabelecer suas ligações com o poder, tornando o discurso um lugar de poder, indo além do estruturalismo. O discurso, dessa maneira, não seria só o meio através do qual se exerce o poder, mas também o lugar pelo qual se luta para exercê-lo. Luta-se por meio do discurso, no discurso, pelo discurso. O poder dentro desse lugar é uma questão de inscrição na Ordem do Discurso, de legitimação como pessoa que tem o direito de fala. Nessa perspectiva, o poder sobre o discurso é uma questão de capacidade para mudar e controlar as regras das práticas discursivas e as estruturas da ordem do discurso (FAIRCLOUGH; WODAK, 2000).

Mesmo sendo extremamente relevante a contribuição do pensamento foucaultiano para a ACD, Fairclough (2001) discorda sobre a problemática do sujeito totalmente assujeitado pela estrutura social. E defende que existe um espaço onde o sujeito social pode agir em prol de uma mudança, não sendo apenas um reproduzidor de ideologias, mas um agente. Para Wodak (2003), a ACD tem o objetivo de tornar os aspectos obscuros do discurso mais visíveis, a fim de esclarecer de que maneira a linguagem funciona em suas diversas formas de realização na constituição e na transmissão do conhecimento, na organização das instituições sociais, e no exercício do poder e dominação. O discurso é concebido, então, pela ACD como prática social. Prática essa, permeada de posturas ideológicas, compreendendo ideologias como “significações da realidade construídas nas várias dimensões do poder” (FAIRCLOUGH, 2001, p.

121). Para o autor, a ideologia naturalizada nas práticas discursivas das instituições atinge o status de senso comum, mas um senso comum relativo à manutenção de determinadas ideias, de específicos modos de ser das instituições. É esse tipo de ideologia preconceituoso que essa pesquisa visa desnaturalizar.

4. Metodologia

A abordagem qualitativa é a escolhida por abordar o universo de significados, crenças, valores, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2001). Para a análise da voz de Gilberto Freyre será verificado seus movimentos discursivos e ideológicos sobre a representação do escravo-negro na época do regime escravocrata. p. 105). Além do método citado, é utilizada também a pesquisa descritiva e a explicativa que seguindo Gil (2007), exige do investigador uma série de informações sobre o que deseja pesquisar e é um tipo de pesquisa que se preocupa em identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos.

Para coleta de dados, alguns temas foram escolhidos como: os elementos que compõe a estrutura da casa(arquitetura), as relações entre os casais, características do português e do negro por serem tópicos discursivos destacados pelo próprio Freyre para a configuração de uma macroestrutura semântica ou significativa. Como já abordado na fundamentação teórica, o pesquisador a partir da compreensão discurso tridimensional de Norman Fairclough, investigará o discurso de Freyre apropriando-se da categoria do léxico por ser um instrumental desvelador de ideologias e pontos de vista.

A partir desses tópicos discursivos elencados por Freyre e pela escolha da categoria lexical pelo pesquisador far-se-á uma análise dos posicionamentos do autor a favor ou contra os escravos-negros, mostrando com isso, se na obra há certa tendenciosidade quer para o lado hegemônico-português quer para o lado do escravo-negro.

5. Análise dos movimentos discursivos e ideológicos de Gilberto Freyre

Para análise, será descrito e analisado alguns poucos excertos da tese ainda em desenvolvimento pelo autor. O primeiro tema a ser anali-

sado pelas escolhas lexicais é a vida íntima dos colonos e negros/escravos, sobre isso Freyre (2006) diz:

A escassez de mulheres brancas criou zonas de confraternização entre vencedores e vencidos, entre senhores e escravos. Sem deixarem de ser relações de ‘superiores’ com ‘inferiores’ e, no maior número de casos, de senhores desabusados e sádicos com escravas passivas, adoçaram-se, entretanto, com a necessidade de muitos colonos de constituírem família dentro dessas circunstâncias (...). A miscigenação que aqui largamente se praticou corrigiu a distância social que de outro modo se teria conservado enorme entre a casa-grande e a mata tropica, entre a casa-grande e a senzala (...). A índia e a negra-mina à princípio, depois a mulata, cabrocha, (...) tornando-se caseiras (...) e até esposas legítimas dos senhores brancos agiram poderosamente no sentido da democratização social no Brasil. (FREYRE, 2006, p. 33)

Essa citação sobre a miscigenação racial no país, traz à princípio, algumas nomeações referidas ao branco conquistador como “senhores desabusados e sádicos” que poder-se-ia observar como Freyre se posiciona a favor dos escravos, que foram abusados por estarem em situação social inferior, mas ao fazer a leitura do parágrafo na íntegra, percebe-se que, pelas palavras do autor, que “todo esse processo de miscigenação foi fundamental para o branco/colono constituir família”, ele assevera que “A miscigenação que aqui largamente se praticou corrigiu a distância social (...)”, ou seja, o modo como as negras, as índias foram se tornando esposas, foi válido, segundo Freyre (2006, p. 29), para o processo de democratização social. Para ele, segundo a citação vista, não haveria outra maneira para ascender socialmente, “de mulata a esposa”, senão a humilhação de primeiro ser amante, submeter-se a todas as imposições do colonizador para que assim houvesse a verdadeira democratização.

Outro tema a ser analisado é a arquitetura e a função da casa-grande e senzala, o autor afirma que “Essa força, na formação brasileira, agiu do alto das casas-grandes, que foram centros de coesão patriarcal e religiosa: os pontos de apoio para a organização nacional” (FREYRE, 2006, p.36). Em todo esse parágrafo, Freyre enaltece a casa-grande como um arquitetura sólida ponto de apoio do que ele chama “coesão patriarcal”, mas que se pode chamar essa coesão de “hegemônica”, construída pelos colonos, uma arquitetura , que vai além da coesão , mas divisão, ou melhor segregação. A senzala, pouco citada em relação a casa-grande, é a materialização da prisão do negro, do início do processo de desigualdade social que figura até hoje no nosso Brasil. Outra citação freyreana diz que a casa-grande, completada pela senzala, representa todo um sistema econômico, social, político: de produção (a monocultura latifundiária), de

trabalho (a escravidão), de religião (o catolicismo). (...) Foi fortaleza, banco, cemitério, santa-casa de misericórdia, amparando os velhos e viúvas (FREYRE, 2006, p. 36).

Nesse momento, Freyre descreve a função social da casa-grande, interessante citar que nessa descrição há inúmeras palavras positivas representando a casa do conquistador como amparo aos velhos e viúvas, fortaleza. E nas páginas seguintes, evoca a sua arquitetura como, utilizando as próprias palavras de Freyre, de “honesto e autêntico” (...) “cozinhas enormes, vastas salas de jantar, numerosos quartos para os filhos e hóspedes, capelas, puxadas para os filhos casados e a senzala”, ele afirma que essa arquitetura foi a expressão mais verdadeira do interesse da vida patriarcal, ainda fala em “trabalho eficiente dos negros” como forma de dar vida à casa grande. E durante várias páginas, segue essa romantização do regime escravocrata, da exaltação das características de uma arquitetura construída para segregar e assassinar os negros e unir os que pertenciam a classe hegemônica, os cemitérios, por exemplo, nas casas-grandes, serviam de depósitos de negras mortas por estarem grávidas do senhor de engenho ou de sua prole.

O terceiro e último tema a ser analisado no artigo é a caracterização do povo português e do negro, Freyre diz:

Gente de uma mobilidade, de uma plasticidade, de uma adaptabilidade tanto social como física que facilmente se surpreendem no português navegador e cosmopolita do século XV. Hereditariamente predisposto a vida nos trópicos, por um longo habitat tropical, o elemento semita, móvel e adaptável como nenhum outro, terá dado ao colonizador português do Brasil algumas das suas principais condições físicas e psíquicas de êxito e de resistência. (FREYRE, 2006, p.78)

Quanto à adaptabilidade citada por Freyre, ele a corresponde com a miscibilidade, ainda afirma que nenhum povo colonizador, dos modernos, se igualou a essa capacidade de se adaptar a diferentes climas e culturas. Ele diz: “O português, não só conseguiu vencer as condições de clima e de solo desfavoráveis, como suprir a extrema penúria de gente branca para a tarefa colonizadora unindo-se com mulher de cor”. Nessas citações, Gilberto Freyre de novo apresenta o “esforço” em vários sentidos que o colonizador teve que realizar. Palavras como: “adaptabilidade”, “mobilidade”, “plasticidade” remetem a capacidade do povo colonizador em lidar com algo difícil, que no caso é para Freyre e para o povo português o clima, o solo, a alimentação, etc. A questão é que não é apenas difícil para o colonizador, que está em condição privilegiada em tudo, mas sobremaneira para o negro-escravo.

Quanto à caracterização do povo negro-escravo, o autor já no sumário correlaciona a caracterização desse povo à sua vida sexual, diferente do capítulo reservado ao conquistador branco que é apresentado seus antecedentes e predisposições. Freyre abre o capítulo reservado às características do povo escravo com a apresentação das mulheres negras como “predileção” dos homens brancos, ele diz: “Eles só queriam saber de molecas” (FREYRE, 2006, p. 368), sem nenhum comentário de natureza social, mais crítica. Não tarda e Freyre remete a figura do negro, sem crítica, mais elogiando, a cozinha. “Uma vez no Brasil, os negros tornaram-se donos da terra, em certo sentido: dominaram a cozinha.” (Freyre, 2006, p. 374), comentário irônico, diante de tanta falta de terra que os negros tiveram que vivenciar, eles, na cozinha, tornam-se donos. Contrastando, com uma tendência lusófona de Freyre, ele, nesse capítulo destinado aos povos negros, traz estudos, testes de QI (coeficiente de inteligência) que comprovam que a inteligência não é fator específico de brancos, e que depende de vários fatores como as circunstâncias ambientais. Nesse momento, rompe com o paradigma da inferioridade da raça negra. Intrigante, entretanto, é ele abrir espaço para uma longa discussão sobre isso, inclusive trazendo estudos como o do médico Raimundo Nina Rodrigues que observava o negro como raça inferior.

6. Considerações finais

Gilberto Freyre numa determinada passagem do livro, comentando sobre a situação do negro na época escravocrata afirma que ninguém nega que a negra ou a mulata tenha contribuído para a precoce depravação do menino branco da classe senhoril, mas não por si, nem como expressão de sua raça ou do seu meio-sangue: como parte de um sistema de economia e de família: o patriarcal brasileiro (FREYRE, 2006, p. 457). Ele não só nessa citação, como no livro todo, traz como o grande vilão da escravidão, da situação do período escravocrata, o “sistema patriarcal”, mas a questão é, quem representava esse sistema, quem comandava a forma de se fazer política, economia. Foi observado nas análises que Freyre sempre direcionava a responsabilidade pela situação lastimável em que os negros viviam para o próprio sistema escravocrata ou até mesmo para a passividade da negra ou a geografia brasileira. Ele não refletia criticamente, não se empatizava, sobre a forma como negros vieram para o Brasil, seus interesses, valores. A emotividade saudosa aparecia nas referências portuguesas. A questão que aparece nas análises é que um povo que ama sua pátria não escraviza, assassina, e denigre

seus habitantes; e sobre essa falta de empatia lusitana, Freyre não aprofundou, a glória era dada ao povo lusitano, e quanto ao africano que contribuiu com seu sangue ficou a simplicidade (pela falta de oportunidade oferecida pela hegemonia da época) e a promiscuidade (pelo desespero dos que sofriam sem opções).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FAIRCLOUGH, Norman. *Analysing discourse: Textual analysis for social research*. New York: Routledge, 2003.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: UNB. Trad. de Discourse and Social Change, 2001.

FAIRCLOUGH, Norman; WODAK, Ruth. *Análisis crítico del discurso*. In: _____. *El discurso como interacción social*. Estudios sobre el discurso II: una introducción multidisciplinaria. Barcelona-Espanha: Gedisa, 2000, p. 367-404.

FERNANDES, Florestan. *O negro no mundo dos brancos*. 2. ed. São Paulo: Global, 2007.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. 51. ed, São Paulo: Global, 2006.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. *Introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold, 1985.

MEDEIROS, Célia Maria. *A argumentação no gênero jurídico contestação*. In: Rosalice Pinto; Maria das Graças Rodrigues (Org.). *Textos e discursos no direito e na política: análises e perspectivas interdisciplinares*. 1. ed. Coimbra, 2016. p. 59-69

OLIVEIRA, Vera Roseane Rodrigues de Oliveira. *Políticas públicas e ações afirmativas na formação de professores: cotas uma questão de classe e raça – Processo de implementação da Lei nº 73/1999 na UFRGS*. 2006. 101 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2006.

Van Dijk, Teun Adrianus. *Macrostructures: An interdisciplinary study of global structures in discourse, interaction, and cognition*. Hillsdale-NJ: Erlbaum, 1980.